

Pessoal e intransmissível

Segunda, 17 Maio 2010 | Visto - 4897



Se a valorização da autonomia é uma atitude que marca os primeiros anos da vida da criança, que direito temos de a enfrentar quando ela não se desenvolve nos moldes que prevíamos ou que achamos mais correctos?

No momento em que uma criança recém-nascida é colocada nos braços dos pais, em paralelo com a tremenda evolução física que a espera nos dias, meses e anos seguintes, arranca também um outro processo que, embora não tão visível nos tempos iniciais, é absolutamente determinante: o trilho que a levará a tomar o seu lugar no mundo. É essa procura que leva o bebé de meses a gatinhar, a criança de três anos a querer comer e tomar banho sozinha, o aluno do primeiro ano a soletrar, o pré-adolescente a formar um grupo de amigos e o adolescente a contestar tudo e todos. O desejo de autonomia é uma das grandes características que nos torna

humanos, mas é uma via que se faz em dois sentidos: de nós em direcção a quem nos rodeia e destes para o nosso interior. E é também um caminho que se vai tornando cada vez menos linear.

No mesmo momento em que recebe o seu bebé nos braços, pai e mãe começam, por sua vez, a procurar que tomem forma todos os planos, desejos, anseios e expectativas que, durante os últimos nove meses, foram reunindo em favor daquela criança. Mais não seja porque um filho torna perene a nossa passagem pela Terra e corporiza a continuação do nosso próprio percurso.

Mas o que acontece quando a fronteira entre o que somos e desejamos se esbate no que o nosso filho é e deseja? Ou quando essas fronteiras se confrontam? Se a valorização da autonomia é uma atitude que marca os primeiros anos da vida da criança, que direito temos de a enfrentar quando ela não se desenvolve nos moldes que prevíamos ou que achamos mais correctos?

«Não temos», afirma, muito simplesmente, a terapeuta familiar Catarina Rivero. «Educar é, essencialmente, respeitar o indivíduo, promovendo o espírito crítico e a autonomia», adianta, acrescentando que não pode ser exigido a nenhuma criança que siga um percurso que não escolheu e que cumpra sonhos que não são os seus, «por muito que os pais achem que é o melhor que podem fazer por ela».

«Não é a primeira, nem será a última vez, que um pai ou uma mãe entra no meu consultório e diz algo semelhante a "doutora, veja o que se passa com o meu filho, não quer fazer nada do que é bom para ele". E depois, bem vistas as coisas, o que aquele pai e mãe estão a fazer é não dar qualquer hipótese à criança ou ao jovem de fazer ouvir a sua voz. E o resultado passa, muito frequentemente, ou pela contestação ou pela aceitação mais ou menos passiva da situação, até ao ponto de ruptura».

VELA, NÃO OBRIGADO

Alexandre é o terceiro de quatro filhos, nascido numa família amante da vela e em que entrar para dentro de uma embarcação aos seis anos é quase tão natural como respirar. Acontece que, ao contrário do irmão e da irmã mais velhos e da irmã mais nova, ele nunca achou que «passar dias dentro de um barquinho fosse divertido, ou apenas o que queria fazer em todos os momentos livres.» No entanto, o pai, antigo atleta federado, dirigente associativo e treinador, «nem sequer deu hipóteses» e Alexandre deu por si a ter uma actividade desportiva que foi «contratar uma explicadora até ao 12.º ano». Durante todo esse tempo, faltou a coragem a Maria João para dizer que a engenharia não estava no seu futuro e só quando confrontados com uma matrícula em Gestão «perceberam que não iam ter uma filha engenheira». Hoje, acabada de entrar no mestrado, «são eles o meu grande apoio, até porque ainda não trabalho, mas sei que lhes custou esta mudança nos planos».

O pai e a mãe de Maria João são engenheiros, «ele civil e ela química». E desde que se conhece como gente «ambos me diziam, meio a brincar meio a sério, que eu tinha de me safar muito bem a Matemática e às disciplinas científicas se quisesse ser a terceira engenheira da família». Mas o facto é que as notas «embora não fossem um descalabro, não eram assim tão espectaculares», o que levou os pais a «contratarem uma explicadora até ao 12.º ano». Durante todo esse tempo, faltou a coragem a Maria João para dizer que a engenharia não estava no seu futuro e só quando confrontados com uma matrícula em Gestão «perceberam que não iam ter uma filha engenheira». Hoje, acabada de entrar no mestrado, «são eles o meu grande apoio, até porque ainda não trabalho, mas sei que lhes custou esta mudança nos planos».

Para a psicóloga Maria João Santos, «dar a conhecer todas as possibilidades de desenvolvimento pessoal é tarefa dos pais», mas esta missão começa a perder sentido a partir do momento em que os sonhos e expectativas parentais se sobrepõem ao que deveria ser um processo de auto-descoberta. Numa sociedade que valoriza os sinais de sucesso e altamente competitiva, os adultos «procuram facilitar e orientar os filhos na direcção do êxito, sem muitas vezes se aperceberem de que lhes estão a negar a importante ferramenta de saber fazer escolhas e arcar com as consequências, sejam elas boas ou más». Em suma «eles não têm espaço para descobrir, porque os adultos já descobriram tudo por eles».

Quem não sabe optar, porque sempre teve alguém que o fizesse por si «não tem capacidade para lidar com a tristeza e a frustração que, mais tarde ou mais cedo, nos batem à porta» diz, por seu turno, Catarina Rivero, para quem a cultura de tentativa e erro faz igualmente perceber «quais são as nossas fragilidades e potencialidades, quando podemos trabalhar sozinhos e quando devemos pedir ajuda. Em suma, permite que nos exploremos e conheçamos mais solidamente».

SEGUNDA OPORTUNIDADE

Maria Armanda gostaria de ter sido enfermeira. Mas na aldeia da Beira Interior onde nasceu na década de 50, a antiga quarta classe era o mais alto patamar educativo a que poderia aspirar a filha de agricultores modestos. Chegada a Lisboa, veio o emprego como caixa de uma loja

de bairro, o casamento e o nascimento de dois filhos. O uniforme e a touca branca pareciam ter ficado definitivamente guardados no baú dos sonhos até à altura em que a filha entrou no 9.º ano. Aí, a mãe «aproveitava todas as hipóteses para dizer que eu devia escolher a área de Saúde, que ela tinha querido e não a deixaram e que eram empregos com saída» recorda a filha, Sara, que acabou mesmo por, no ano seguinte, ir para Científico-Naturais. «Sinceramente não sabia muito bem para onde me virar e as palavras da minha mãe acabaram por me ajudar». Hoje está a acabar Matemática, mas sem qualquer certeza do que quer fazer a seguir. Numa sociedade em que, por um lado, as condições económicas e sociais trazem cada vez mais possibilidades e, por outro, o número de filhos é cada vez menor, não é difícil ceder à tentação de ver as crianças como depositários dos bens materiais que a infância dos adultos não teve, bem como entender o processo educativo como a segunda oportunidade para atingir metas antigas.

«É saudável e desejável que projectemos nos nossos filhos alguns dos nossos objectivos e desejos, mas já não é bom que cultivemos o nosso próprio status através da parentalidade», adverte Catarina Rivero. «De nada serve insistir para que as crianças se desenvolvam num dado sentido se esse caminho não estiver apoiado em sólidas competências sociais e emocionais. E apenas elas as podem conquistar, embora nos caiba, sempre, orientá-las e fornecer-lhes a matéria-prima afectiva. São esses os limites da autoridade», frisa a terapeuta. Autoridade essa que passa por descobrir onde está a fronteira entre a necessária orientação e a ainda mais necessária liberdade. «Inúmeros pais fazem de tudo para que os filhos não caiam e não se enganem, em suma, não sofram nunca», o que, paradoxalmente os pode levar a «pactuar com situações impostas e pré-formatadas que os angustiam profundamente», refere Maria João Santos. Tal não significa que, em contraponto, se promova uma cultura familiar «em que se desiste dos projectos à primeira dificuldade e sob qualquer pretexto. As vocações muito definidas não acontecem a todas as pessoas e a maior parte de nós tem de persistir até encontrar um patamar que nos satisfaça, seja no campo académico, laboral, desportivo ou outro», adianta. «O lado positivo desta atitude firme é fazer a criança perceber que a auto-disciplina também é necessária e que na vida não vão encontrar muitas situações em que tudo é à vontade do freguês».

ABERTURA E OPTIMISMO

A chave desta complexa equação parece estar, assim, nas características dos laços que unem a família. «A questão básica é a da relação que existe entre pais e filhos. Se ela tem por base modelos anteriores demasiado rígidos, pode acontecer uma de duas coisas: os pais decalcam esses modelos ou rebelam-se contra eles», afirma Maria João Santos. «Seja o que for que aconteça, o melhor que pode acontecer é que esta ligação tenha por base um profundo conhecimento mútuo, confiança total, uma cultura de diálogo precoce e permanente, autoridade – não autoritarismo – e a capacidade para dar a escolher opções adequadas a cada idade».

«É bom que consigamos partilhar com a criança ou o jovem os nossos valores e decisões, mas também as nossas hesitações e dúvidas», defende, por seu turno, Catarina Rivero, para quem o grande papel da família consiste em procurar o equilíbrio entre «a protecção e a autonomia». Se, entre pais e filhos «existirem hábitos de proximidade afectiva, essa partilha ajuda a pesar todos os prós e contras de qualquer situação, respeitando a individualidade de todos», conclui..

PARA LER

Inteligência emocional e a arte de educar os nossos filhos
John Gottman
Editorial Objectiva, 1997 – 19,90€€€
Pais Brilhantes,
Professores Fascinantes
Augusto Cury
Editorial Pergaminho, 2004 – 13€€
Educar para o optimismo
Helena Marujo, Luís Miguel Neto e Maria de Fátima Perlouro
Editorial Presença, 1999 – 9,98€

VIVA A PREGUIÇA

São 256 páginas de pura provocação. Remando contra o que apelida de «opressão social» que obriga os pais a deixarem de ter vida própria, o escritor britânico Tom Hodgkinson tornou-se o auto-proclamado guru da indolência parental. E escreveu a doutrina desta nova atitude descontraída no livro apropriadamente chamado «The Idle Parent – Why Less Means More When Raising Kids» («O Pai Ocioso – Porque razão Menos é Mais na Educação das Crianças», em tradução livre). A mensagem é aparentemente simples: não vale a pena trabalhar tanto, procurar ganhar dinheiro para comprar coisas «ínúteis» ou gastar o tempo a levar os miúdos «ao melhor colégio e a milhares de actividades extracurriculares» quando eles podem ser bem mais felizes se deixados à sua sorte. E, no entretanto, há que aproveitar a vida. E é sob esta capa de cinismo bem-humorado que Hodgkinson faz a crítica de uma sociedade em que o «ter» se tornou bem mais importante que o «ser» e em que o presente é inquinado pela angústia sobre o que o futuro nos reserva.

Levar a doutrina do ócio até às últimas consequências não é, certamente, tarefa simples – e em certos aspectos, torna-se mesmo pouco recomendável – mas, de qualquer modo, aqui ficam alguns princípios que servem, mais não seja, como pistas de reflexão nos dias em que a tal «voragem competitiva» parece estar a levar a melhor.

O manifesto dos pais ociosos

Rejeitamos a ideia de que ter filhos significa trabalho árduo
Comprometemo-nos a deixar os nossos filhos em paz
Rejeitamos o consumismo galopante que invade as crianças desde que nascem
Lemos-lhes poesia e histórias fantásticas sem qualquer tipo de recado moral
Bebemos álcool sem culpa
Rejeitamos o puritano que temos no nosso interior
Não desperdiçamos dinheiro em programas e férias familiares
Um pai ocioso é um pai poupado
Um pai ocioso é um pai criativo
Permanecemos na cama durante o maior tempo possível
Tentamos não interferir
Brincamos no campo e na floresta
Empurramos as crianças para o jardim e fechamos a porta, para podermos limpar a casa
Trabalhamos o menos possível, especialmente quando as crianças são pequenas
O tempo é mais importante que o dinheiro
O caos feliz é melhor que a arrumação infeliz
Abaixo as escolas
Enchemos a casa com música e alegria
Rejeitamos as recomendações de saúde e segurança
Adoptamos a cultura de responsabilidade

Existem muitos trilhos para percorrer
n Mais brincadeira, menos trabalho